



## O QUE ACONTECEU COM HETTY?

### A HISTÓRIA CONTADA E RECONTADA DA PERSONAGEM DO ROMANCE ADAM BEDE, DE GEORGE ELIOT

Janaina Gomes Fontes<sup>1</sup>

É possível saber o que realmente aconteceu? Não sofrem os relatos as interferências dos pontos de vista, das opiniões, dos valores de quem relata? A própria História é composta por relatos que necessariamente passam pelo filtro do historiador. A historiadora Sandra Jatahy Pesavento, em seu livro *História e História Cultural* (2003), expõe as ideias de diversos historiadores que teriam contribuído para a “crise dos paradigmas explicativos da realidade”<sup>2</sup> dentro da História, enfatizando, dentre outros pontos, que o historiador, a partir de uma pergunta elaborada, seleciona, escolhe, organiza o que irá utilizar em sua narrativa, dentre as fontes que tem à sua disposição.

Se a própria História, com todo o seu esforço no desenvolvimento de metodologias que lhe garantam objetividade científica não consegue estar livre da subjetividade do historiador, o que dizer dos testemunhos de pessoas comuns que presenciam um fato e o contam aos outros? Até que ponto se pode tomar tais relatos como verdades incontestáveis e, a partir deles, muitas vezes, decidir a vida de uma pessoa? A escritora inglesa George Eliot (pseudônimo de Mary Ann Evans) questiona a eficácia do próprio processo de relatar, de contar e, assim, questiona a veracidade dos relatos, das narrativas oficiais, no romance *Adam Bede*, de 1859, com a história da personagem Hester Sorrel (Hetty). Hetty tem sua vida decidida pelos testemunhos de outras pessoas e a análise de sua história torna-se interessante para os estudos feministas por ser uma mulher acusada de cometer infanticídio numa pequena cidade inglesa do século XIX e pela curiosa forma como se dá essa acusação.

O presente trabalho tem por objetivo, assim, analisar a história de Hetty, identificando-a como uma forma de questionamento dos processos de busca de uma verdade absoluta por meio de relatos e narrativas do que aconteceu. Essa análise se dará sob a perspectiva dos estudos de gênero, em especial da teoria e da crítica literária feministas, como forma de questionar os processos de relatar presentes na sociedade patriarcal que, muitas vezes, silenciaram e ainda silenciam a história ou parte da história de muitas mulheres. Além disso, busca-se com o presente trabalho, fazer novas leituras desse romance de George Eliot, baseadas nos estudos de gênero, dando ênfase à questão da

<sup>1</sup> Doutoranda da Universidade de Brasília – UnB.

<sup>2</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2003, p. 8.



maternidade, tema que ainda merece maior visibilidade em várias áreas de estudo, em especial no que tange à emergência na literatura da subjetividade da mulher que se torna mãe.

Hetty é acusada de matar seu bebê recém-nascido e é condenada à forca. O juiz se convence com os relatos das testemunhas com as quais Hetty se deparou em sua caminhada desesperada. Ninguém chegou a presenciar o ato em si, as pessoas descrevem apenas o que puderam perceber durante o curto período em que tiveram contato com Hetty. No entanto, a acusada não é ouvida. Ela permanece em silêncio durante todo o julgamento. Sua história é, assim, construída pelos testemunhos dessas pessoas. A voz de Hetty não aparece para contar a sua versão dos fatos. Não pretendo discutir se Hetty é ou não inocente do crime de infanticídio, mas apenas analisar como se dá a construção de sua culpa.

De acordo com Joseph Wiesenfarth, que faz uma análise das anotações de George Eliot em *George Eliot's Notes for Adam Bede* (1977), a história de Hetty nasceu do relato de sua tia metodista Elizabeth Samuel, que visitou Mary Voce na prisão, uma mulher pobre que matou seu filho e foi julgada em 1802, e a levou a confessar o crime enquanto Voce esperava a execução. Mas segundo Josephine McDonagh, que escreveu *Child-Murder Narratives in George Eliot's "Adam Bede": Embedded Histories and Fictional Representation* (2001), esse tema não foi desenvolvido por Eliot com base somente no relato de sua tia, mas também em outras fontes, muitas delas literárias, como é possível notar em seus periódicos e cartas. No entanto, ela diz que os críticos consideram que *Adam Bede* reflete mais as preocupações da época da produção do romance com a realidade social do infanticídio do que as da época que Eliot tentou retratar. Segundo McDonagh, para historiadores sociais, o ano da publicação do romance, 1859, é importante porque se situa perto do começo de um período de interesse público intenso no infanticídio.

Ainda de acordo com McDonagh, baseando-se em explicações históricas e seguindo a ideia foucaultiana da função dos discursos na formação das culturas, críticos literários recentes tendem a colocar *Adam Bede* como “um espaço imaginativo onde práticas discursivas contemporâneas – dos estabelecimentos médicos e legais, por exemplo – são interrogados e criticados.”<sup>3</sup> Jill L. Matus, em *Unstable Bodies: Victorian Representations of Sexuality and Maternity* (1994), descobre em *Adam Bede* construções alternativas da maternidade que desafiam aquelas propostas nos discursos biomédicos correntes naquela época. Matus explora, em uma série de ensaios, como textos médicos,

---

<sup>3</sup> MCDONAGH, Josephine. *Child-Murder Narratives in George Eliot's "Adam Bede": Embedded Histories and Fictional Representation in Nineteenth-Century Literature*. University of California Press: vol. 56, n. 2, A Celebration of the UCLA Sadleir Collection, Parte 1, set/2001, pp. 228-259. Disponível em: < <http://www.jstor.org/stable/3176945> >. Acesso em: fevereiro/2010, p. 235.



sociais e literários do século XIX constroem versões “múltiplas e contraditórias” sobre a mulher, sua sexualidade e a maternidade. A autora apresenta análises interessantes sobre as representações das mães em vários romances ingleses, dentre eles, *Adam Bede*. Para McDonagh, Eliot utiliza o tema de infanticídio para um maior entendimento da relação do romance com o seu contexto. Não é uma tentativa de retratar uma versão de evento real, mas de condensar “uma gama de associações culturais recolhidas de diversos momentos históricos e locais discursivos.”<sup>4</sup>

Ao descrever o que acontece com Hetty, uma mulher em silêncio em seu próprio julgamento, enquanto pessoas desconhecidas “montam” sua história, constroem o seu passado com relatos, sem necessidade de maiores provas, e conseguem convencer o juiz de sua culpa, Eliot parece criticar o ordenamento jurídico da Inglaterra da época, que se mostra frágil e inconsistente nessa representação. Essa crítica ganha importância, sobretudo, para os estudos feministas, ao demonstrar o tratamento desumano de certas leis patriarcais conferido às mulheres. Entretanto, chamo a atenção para a situação de Hetty, silenciada pela instituição penal patriarcal, revestida de autoridade e poder, enfim, pela sociedade, com seus valores e padrões de comportamento, de onde derivam relatos revestidos de veracidade, por se conformarem com as regras vigentes.

Havia todo um imaginário na época, que cultuava a “boa mãe”, a “santa mãe”, que cuida dos filhos com dedicação. *Adam Bede* está inserido no contexto familiar do século XVIII e XIX, quando teóricos como Rousseau argumentavam que a mãe teria importância fundamental e única na educação dos filhos. Segundo esse ponto de vista, qualquer problema seria de total responsabilidade e culpa da mãe. A mãe, nessa época, é comparada a uma santa, que exerce sua “vocação” de cuidar da casa e dos filhos com devoção e sacrifício. Assim, “toda boa mãe é uma ‘santa mulher’ e a padroeira natural dessa nova mãe é a Virgem Maria.”<sup>5</sup>

No entanto, segundo Matus, as mulheres das classes mais desfavorecidas foram as últimas a abraçar a nova concepção da boa mãe. Tendo que trabalhar, as mães pobres não tinham tempo para cuidar dos filhos. Eles continuavam sendo fardos e muitas continuaram a utilizar os serviços de amas-de-leite ou a abandoná-los nos asilos de “roda”. Matus encontra, em *Adam Bede*, um aspecto relacionado à maternidade que servia para diferenciar uma classe de mulheres da outra: a rejeição do bebê pela mãe. Em uma época em que as mães eram “naturalmente santas”, consideradas como sempre querendo o bem de seus filhos, qualquer desvio dessa conduta era considerado como doentio e pertencente apenas a uma classe de mulheres, a classe proletária. Dessa forma, quando

---

<sup>4</sup> *Ibid*, p. 238.

<sup>5</sup> BADINTER, Elisabeth. *Um Amor Conquistado: O Mito do Amor Materno*. Tradução de Waltensir Dutra. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, p. 23.



Hetty é julgada, todo esse imaginário tem peso para fazer com que o juiz se convença de sua culpabilidade, sem que seja necessário que ela se defenda. Uma vez aceita pelo juiz, a versão construída é validada pela instituição penal, e não há nada que Hetty possa fazer. Ela se encontra assim na famosa “ordem do discurso”, definida por Foucault. Segundo ele, mesmo sem querer acabamos entrando numa ordem do discurso, categórica e decisiva.

Sob tal lógica, a história é discurso, fortemente imbuído do sistema simbólico do imaginário social, que de acordo com Tania Navarro Swain, se encontra em toda formação social. Como ela nos explica, os símbolos criam realidades, naturalizam imagens em certos momentos históricos, utilizando a memória coletiva e as tradições. O imaginário dissemina, revitaliza, ressemantiza imagens, criando paradigmas e normas que se fortalecem na repetição ritual. O controle do imaginário, assim, acaba sendo fonte de poder: “A posse do controle do imaginário é (...) uma peça essencial do dispositivo do poder”<sup>6</sup> e, portanto, os paradigmas criados pelo imaginário são manipulados de forma a dominar e organizar a sociedade de acordo com os interesses dos que detêm o poder. “Assim, na trama do social, criam-se as noções de ‘evidente’, ‘natural’, ‘universal’, bloqueando inclusive a possibilidade de se pensar o heterogêneo.”<sup>7</sup>

Segundo Matus, romances como *Adam Bede* foram importantes, pois trouxeram a maternidade e a sexualidade feminina como objetos de suas ficções em um momento histórico em que tudo o que dizia respeito a esses temas era monopólio da ciência médica, formulada pelos homens. Não apenas os aspectos biológicos, como também a ética, a moralidade e a higiene eram áreas de preocupação profissional, formando o que Foucault chamou de “medicina do sexo”. Para o filósofo, não só a consciência e o intelecto eram investigados pelo poder, mas também todo o corpo e todo o comportamento relacionado a ele, formando um discurso preocupado com o “vigor físico e a limpeza moral do corpo social”<sup>8</sup>. Em *A ordem do discurso*, Foucault diz que o discurso é um dos lugares onde a sexualidade e a política “exercem de modo privilegiado, alguns de seus mais temíveis poderes.”<sup>9</sup> Como na Era Vitoriana, tanto a literatura quanto a medicina viam como sua a tarefa de cuidar de, e perpetuar a moralidade, com vistas ao comportamento sexual considerado adequado, qualquer tentativa de extrapolar, na literatura, a sua competência moral não era vista com bons olhos. Ao retratar mães como Hetty, que mata seu filho “ilegítimo”, Eliot contradiz os

<sup>6</sup> SWAIN, Tania Navarro. *Você disse imaginário?* in SWAIN, Tania Navarro (org.) *Histórias no plural*. Brasília: EDUNB, 1994, p. 49.

<sup>7</sup> *Ibid*, p. 49.

<sup>8</sup> MATUS, Jill L. *Unstable Bodies: Victorian Representations of Sexuality and Maternity*. Manchester: Manchester University Press, 1995, p. 2.

<sup>9</sup> FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 15. ed. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2007, p. 10.



discursos moralistas e patriarcais da sociedade vitoriana e traz para discussão, por meio da literatura, aspectos como infanticídio, por exemplo.

Hetty tem assim, sua história silenciada. Depois de condenada, ela só conversa com uma outra mulher, Dinah, a pregadora metodista que a visita na prisão na noite antes de sua execução e consegue fazer com que ela confesse o crime que cometeu. No entanto, em sua confissão ainda não é possível conhecer o que realmente aconteceu com ela, quais foram as causas que a fizeram cometer tamanho crime. Jamais ouvimos de sua boca os sentimentos, as reflexões, os pensamentos de uma mulher que engravidou de um outro homem (Arthur, o dono da propriedade onde sua família trabalhava) antes de casar-se com Adam Bede, que, desesperada, ainda tentou procurar Arthur para pedir ajuda, mas que não conseguindo, acabou matando seu bebê num ato de desesperança. Assim como Hetty, milhares de mulheres tiveram suas histórias silenciadas, principalmente muitas mães, cujas vozes são silenciadas num grau ainda maior. Buscar essas vozes abafadas, essas histórias perdidas é um dos objetivos dos estudos de gênero, em suas várias áreas de conhecimento. O desenvolvimento da História Cultural, por exemplo, contribui para essa tarefa, principalmente na medida em que, como diz Pesavento, ela marca “a emergência da subjetividade nas preocupações do historiador”<sup>10</sup>. Segundo a historiadora, a preocupação com as chamadas “sensibilidades” da História Cultural trouxe para a História a questão do indivíduo, da subjetividade, das histórias de vida. Preocupa-se com a biografia das pessoas que estiveram no fundo dos grandes feitos da História, dos pobres, dos que permaneceram escondidos e silenciados. E como grande parte dessas pessoas silenciadas foi e ainda é composta por mulheres, conclui-se que a História Cultural é de bastante valor para o resgate das vozes perdidas almejado pelos estudos de gênero. E ao resgatar as vozes das mulheres, resgatam-se, assim, vozes maternas silenciadas, como a de mulheres como Hetty, por exemplo.

Segundo Pesavento, a literatura funciona como fonte, tem a função de traço, de vestígio, que se transforma em documento e responde às perguntas do historiador. A literatura permite

o acesso à sintonia fina ou ao clima de uma época, ao modo pelo qual as pessoas pensavam o mundo, a si próprias, quais os valores que guiavam seus passos, quais os preconceitos, medos e sonhos. Ela dá a ver sensibilidades, perfis, valores. Ela representa o real, ela é fonte privilegiada para a leitura do imaginário. (...) Para além das disposições legais ou de códigos de etiquetas de uma sociedade, é a literatura que fornece os indícios para pensar como e por que as pessoas agiam desta e daquela forma.<sup>11</sup>

*Adam Bede* funciona, assim, também como fonte para a História Cultural, principalmente na medida em que George Eliot demonstrava uma grande preocupação com a descrição dos

<sup>10</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2003, pp. 56-7.

<sup>11</sup> *Ibid*, p. 82-3.



comportamentos e valores da época. Não é por acaso que a grande maioria das críticas e análises feitas de seus romances dizem respeito a aspectos sociológicos. De acordo com Wiesenfarth, esse livro realmente não foi escrito somente baseado em experiências. Segundo ele, as notas feitas por Eliot mostram que essas experiências foram suplementadas por uma pesquisa extensiva, na criação dos personagens e dos incidentes, o que mostra a preocupação constante de Eliot com a precisão histórica. Wiesenfarth transcreve as notas sobre *Adam Bede* e mostra como Eliot fez uma pesquisa minuciosa de vários aspectos sociais. No entanto, ao representar a história de Hetty, *Adam Bede* serve como fonte principalmente para os estudos de gênero, que ainda tentam, muitas vezes, construir uma tradição feminista, da história e da escrita das mulheres. Eliot escreve um romance realista, mas transcende a realidade, ao deixar entrever possíveis intenções ideológicas. Como diz Mcdonagh, é possível perceber no romance os “compromissos ideológicos do realismo aparentemente neutro, ‘sua servil perseguição à natureza depois do fato’”.<sup>12</sup>

Por meio de seu romance realista, de seu esforço em retratar o real da forma mais fiel possível, Eliot acaba questionando certos aspectos da sociedade, muitas vezes de maneira ambígua, como acontece com Hetty. Num primeiro momento descrita como uma menina vaidosa, que não tem vocação para ser mãe, Hetty parece ser vítima ao ser acusada e não ter o direito de defesa, como diz Mcdonagh. O romance de Eliot suscita questões importantes, principalmente para os estudos feministas. Ela traz o tema da maternidade em seu romance, assunto delicado para a época, e o aborda sob a temática do infanticídio, ainda mais complicado. E a apresentação de uma mulher que se torna mãe, mas que não tem voz, torna-se importante para a discussão da visibilidade da voz materna na literatura.

É necessária uma nova forma de abordar e entender não só a maternidade, como outras questões relacionadas às mulheres. Para isso, é importante buscar também na produção ficcional de autoria feminina elementos que possam ser valiosos para os estudos feministas. Virginia Woolf e a pesquisadora americana Elaine Showalter, dentre outras teóricas do movimento feminista, enfatizam a importância de uma produção escrita de autoria feminina. Woolf, em *A Room of One's Own* (1929), descreve a falta de obras escritas por mulheres e sua exclusão do mundo acadêmico, a falta de documentos que falem de sua história, de sua vida, e o fato de que o pouco que se tem sobre elas foi escrito pelos homens. Segundo Woolf, a história precisa ser reescrita ou, diz ironicamente,

---

<sup>12</sup> MCDONAGH, Josephine. Child-Murder Narratives in George Eliot's "Adam Bede": Embedded Histories and Fictional Representation in Nineteenth-Century Literature. University of California Press: vol. 56, n. 2, A Celebration of the UCLA Sadleir Collection, Parte 1, set/2001, pp. 228-259. Disponível em: < <http://www.jstor.org/stable/3176945> >. Acesso em: fevereiro/2010, p. 249.



pelo menos suplementada. Há um silêncio milenar, parte do qual talvez se possa quebrar se uma tradição escrita das mulheres começar a se desenvolver, tanto em relação à sua produção literária, quanto à sua história.

Showalter também defende o desenvolvimento da produção escrita de autoria feminina. A crítica feminista deve ser “centrada na mulher, independente e intelectualmente coerente (...). Deve encontrar seu próprio assunto, seu próprio sistema, sua própria teoria e sua própria voz.”<sup>13</sup> A crítica feminista apresenta uma grande variedade de metodologias e ideologias, dentre as quais se encontram os objetivos das historiadoras literárias, que é o de encontrar uma tradição perdida das mulheres. Segundo Showalter, a crítica feminista mudou seu foco de leituras revisionistas de obras de autoria masculina para uma investigação consistente da literatura feita por mulheres. Nesse processo, há o estudo das mulheres como escritoras e há ênfase nos seus escritos, na sua história, nos seus estilos, nos seus temas, além de outros. Para definir esse discurso crítico especializado, Elaine Showalter criou o termo ginocrítica (*gynocritics*).

Dessa forma, busca-se em outras fontes, o que não apareceu no registro histórico oficial. Os estudos de gênero buscam essas formas de discurso de mulheres que conseguiram resistir ao seu silenciamento. Eliot mostra, com seu romance, que de alguma forma, as histórias de muitas mulheres (algumas mães) conseguiram sobreviver, mesmo que de forma precária. E a ficção pode servir para o resgate dessas vozes, pois como diz Woolf :

a ficção é como uma teia de aranha, presa tão levemente talvez, mas ainda assim ligada à vida em todos os quatro cantos (...) mas quando a teia é puxada, tirada dos cantos, torcida ao meio, lembra-se que essas teias não são tecidas no meio do ar por criaturas incorpóreas, mas são o trabalho de seres humanos sofredores (...)<sup>14</sup>

Como na tradição dos bordados das mulheres chinesas, que o utilizavam para transmitir sua história, transgredindo, assim, a estrutura patriarcal que proibia sua voz, a ficção é fonte para a História Cultural, para os estudos de gênero, e muitas vezes, também transgride o sistema de discursos patriarcais, senão explicitamente, nas entrelinhas de seus enredos, na ambiguidade de suas construções de linguagem e, como pode ter feito Eliot, nas páginas de um romance realista.

### *Bibliografia*

BADINTER, Elisabeth. *Um Amor Conquistado: O Mito do Amor Materno*. Tradução de Waltensir Dutra. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

<sup>13</sup> SHOWALTER, Elaine. *A crítica feminista no território selvagem* in HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). *Tendências e Impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, pp. 28-9.

<sup>14</sup> WOOLF, Virginia. *A Room of One's Own*. Middlesex: Penguin Books, 1973. p. 43.



- ELIOT, George. *Adam Bede*. Oxford: Penguin Classics, 1993.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 15. ed. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2007.
- MATUS, Jill L. *Unstable Bodies: Victorian Representations of Sexuality and Maternity*. Manchester: Manchester University Press, 1995.
- MCDONAGH, Josephine. Child-Murder Narratives in George Eliot's "Adam Bede": Embedded Histories and Fictional Representation in Nineteenth-Century Literature. University of California Press: vol. 56, n. 2, *A Celebration of the UCLA Sadleir Collection*, Parte 1, set/2001, pp. 228-259. Disponível em: < <http://www.jstor.org/stable/3176945> >. Acesso em: fevereiro/2010.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2003.
- SHOWALTER, Elaine. A crítica feminista no território selvagem in HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). *Tendências e Impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- SWAIN, Tania Navarro. Você disse imaginário? in SWAIN, Tania Navarro (org.) *Histórias no plural*. Brasília: EDUNB, 1994.
- WISENFARTH, Joseph. George Eliot's Notes for "Adam Bede" in *Nineteenth-Century Fiction*. University of California Press: vol. 32, n. 2, set/1977, pp. 127-165. Disponível em: < <http://www.jstor.org/stable/2933186> >. Acesso em: janeiro/2010.
- WOOLF, Virginia. *A Room of One's Own*. Middlesex: Penguin Books, 1973.